

"Ser e Saber" – (re)visitações do passado e construção das identidades (homos)sexuais♦

Ana Maria Brandão*

Resumo:

A identidade refere-se à experiência de nos sentirmos, por um lado, unos, inteiros, e, por outro, diferentes e diferenciáveis dos outros. Ter uma identidade pressupõe a continuidade e a consistência do ser a partir das quais nos reconhecemos como sendo os mesmos e os outros nos reconhecem como sendo nós próprios. Isto não significa que as formas identitárias sejam imunes à mudança. Pelo contrário, permanecemos iguais não excluindo a mudança, mas articulando o novo com o já existente de modo a garantirmos a coerência identitária e a evitarmos rupturas. A partir das histórias de vida de algumas mulheres, pretendemos dar conta desse processo de articulação/ negociação, procurando mostrar de que modo vamos atribuindo e modificando os sentidos que damos às experiências por que passamos e como as vamos integrando progressivamente nas nossas definições identitárias anteriores. Os dados apresentados referem-se a um projecto de investigação em curso que se debruça sobre o processo de construção das identidades (homos)sexuais.

♦ Este artigo é uma versão revista e aumentada da comunicação com o mesmo título apresentada ao V Congresso Português de Sociologia, realizado entre os dias 12 e 15 de Maio de 2004, na Universidade do Minho (Braga).

* Assistente do Departamento de Sociologia da Universidade do Minho

Nota introdutória

Etimologicamente, a palavra "identidade" "tem uma raiz latina e dois significados básicos. O primeiro é um conceito de absoluta similaridade: isto é idêntico àquilo. O segundo é um conceito de distinção que presume a consistência ou continuidade ao longo do tempo. [...] a noção de identidade estabelece simultaneamente duas relações de comparação possíveis entre pessoas ou coisas: *similaridade*, por um lado, e *diferença*, por outro" (Jenkins, 1996: 3-4). Continuidade e consistência referem-se ao sentimento de permanecermos idênticos ao longo do tempo, e de inteireza, de constituirmos uma unidade coerente. Já Erikson sublinhava que a consciência de possuímos uma identidade estava ligada à percepção imediata da nossa constância [*sameness*] e continuidade no tempo, assim como à percepção de que os outros as reconhecem em nós (1980: 22). Temos aqui dois aspectos centrais da identidade: por um lado, o seu carácter profundamente social, pois, na medida em que só podemos diferenciar-nos face a algo ou a alguém, ela supõe sempre a alteridade¹; por outro, a segurança ontológica que decorre do nosso "sentido de identidade" (Erikson, 1980: 94), quer dizer, a garantia de permanecermos e dos outros nos reconhecerem como sendo "os mesmos".

Os dados empíricos que apresentamos inserem-se num projecto de investigação em curso que pretende dar conta do que acontece quando elementos novos parecem pôr em causa definições de nós próprios que tínhamos como certas, elegendo como objecto de análise a construção das identidades (homos)sexuais femininas. A selecção das entrevistadas obedeceu a uma tentativa de menor interferência possível ao nível da definição identitária das próprias. Assim, estas mulheres foram seleccionadas de acordo com um único critério: o facto de já terem mantido pelo menos uma relação de carácter amoroso com outra mulher, facto que, por si só, não conduz necessariamente à auto-definição como homossexual ou lésbica. Pelo contrário, encontrámos uma diversidade de definições assinalável, mas também muitos aspectos comuns em termos de práticas, vivências e sentimentos. Escolhemos apenas três casos para efeitos de ilustração do nosso propósito central, nomeadamente, o de saber como é possível gerirmos as nossas vidas sem pulverizarmos o sentido de unidade que caracteriza a experiência identitária,

¹ Mead (1962) é um dos primeiros autores a teorizar o modo como o self (elemento fundamental para a construção da identidade) se constrói no processo de interacção social. A sua perspectiva, nomeadamente as relações que estabelece entre organismo, mente e self, postulando a anterioridade do contexto social face a estes constitui, ainda hoje, o fundamento de grande parte das teorizações acerca das identidades.

e atendendo ao espaço de que dispomos. A inclusão de uma diversidade maior de narrativas implicaria que este fosse bastante mais alargado para que a sua interpretação se tornasse compreensível.

A partir de excertos de três histórias de vida, propomos uma aproximação ao processo de articulação/ negociação identitária, tentando compreender como vamos atribuindo e modificando os sentidos que damos às experiências por que passamos e como as vamos integrando progressivamente nas nossas definições identitárias anteriores. A nossa intenção é meramente a de ilustração e descrição desse processo, por recurso às próprias palavras destas mulheres, não tendo carácter explicativo, antes procurando suscitar hipóteses de trabalho futuras.

1. A construção de uma definição identitária

A nossa identidade é o resultado de um percurso, de uma caminhada que encetamos no momento do nosso nascimento e que termina com a nossa morte. Ela produz-se pela experiência de vida que vamos acumulando, na relação com os outros com quem contactamos, pelas nossas próprias (re)acções face a uma infinidade de acontecimentos. De forma quase indelével, as marcas da nossa vida inscrevem-se em nós, naquilo que somos, nos modos como sentimentos e agimos. A identidade, o nosso mais íntimo sentido de ser, a nossa inconfundível individualidade, é também, portanto, resultado das trocas que estabelecemos com os nossos semelhantes e transporta a sua influência. A mais inconfundível e individualizante característica da identidade – o nosso nome – parece esconder de nós próprios aquilo que se afigura como realidade inegável: somos diferentes de todos os outros, mas também nos assemelhamos a eles. O nome é um dos elementos de união da nossa diversidade interna, contribuindo, juntamente com as expectativas (nossas e dos outros), para a manutenção de um certo sentido de unidade que nos torna (re)conhecíveis, que impede a perda do sentido de nós.

Sublinhar a importância desta sensação de permanência, de constância, não significa postular a rigidez absoluta das formas identitárias, a ideia de que existe um momento a partir do qual a identidade se encontra estabelecida em definitivo, sendo, portanto, imune à mudança. Os nossos percursos biográficos colocam-nos permanentemente em contacto com uma diversidade de contextos, experiências e pessoas, cada nova situação trazendo consigo a possibilidade de desencadeamento de

uma "crise" pelo risco de questionamento de formas de identificação já assimiladas e integradas, ou, pelo contrário, recusadas.

Na verdade, passamos sucessivamente por várias "crises" identitárias mais ou menos abertas, por situações e perspectivas novas que podem pôr em causa o nosso sentido de unidade. Aquilo a que Erikson chama o "sentido do ego", i.e., "a certeza cumulativa de que a nossa capacidade de manter a continuidade e a permanência interiores (o nosso ego no sentido psicológico) é correspondida pela permanência e continuidade do nosso significado para os outros" (1980: 94), é conseguido por reajustamentos permanentes, por "sínteses do ego" (Erikson, 1980) através das quais integramos, de forma transformada, essas novas experiências. A identidade é, assim, a cada momento, uma nova configuração, porque integra elementos que não estavam lá antes, porém, dotada de um sentido de unidade e unicidade. Como salienta Erikson, a identidade "representa a função sintetizadora do ego" (1980:161) e garante a sensação de bem-estar, de equilíbrio, que nos permite gerir as nossas vidas. Neste sentido, não somos, antes estamos permanentemente a tornar-nos nalguma coisa.

Mas estes mecanismos mais propriamente psicológicos não operam no vazio. O contexto sociocultural em que nos movemos é fundamental, pois falar de identidade é também falar de sentido e este só surge na relação com o outro. Em cada época histórica encontramos formas de classificação (e, portanto, de definição) identitária mais ou menos definidas. As identidades não se definem na ausência de modelos. Para além dos mecanismos psicológicos que põem em acção pressões internas no sentido de proceder à síntese do ego, existem também pressões externas que operam no sentido de nos fazer conformar a certas predefinições do que é ser mulher ou homem, jovem ou velho, e que interferem quer indirectamente (através dos padrões, normas e valores que, enquanto membros de uma sociedade e de uma cultura, interiorizamos), quer directamente (através da acção dos que nos são próximos e que conosco se relacionam na base de certas assunções), na forma como nos definimos.

A cada momento, o que podemos ser (de facto, mesmo o que gostaríamos de poder ser) é enformado tanto pelos nossos quadros de referência, como pelos dos outros, por uma certa ordem das coisas que torna o mundo previsível e sem a qual a interacção se torna difícil ou virtualmente impossível. A identidade é sempre, e ao mesmo tempo, um encerrar e um abrir de fronteiras². Ela estabelece o que somos excluindo o que não

² Meijer e Duyvendak defendem, precisamente, que a homossexualidade deve ser estudada como um conflito fronteiriço respeitante ao sexo e à sexualidade, ao pessoal e ao político, que "Falar de fronteiras é

faz parte de nós, traçando um limite para lá do qual seríamos, necessariamente, outra pessoa, determinando o que se espera de nós por sermos o que somos. Identificarmo-nos significa aceitarmos ou, pelo contrário, recusarmos, esses limites que (nos) contêm, que (nos) encerram, mas também aceitar (ou recusar) uma certa ordem do mundo que coloca cada coisa no seu lugar. A indefinição identitária gera confusão na medida em que o nosso lugar nesse mundo se torna, subitamente, desconhecido, pondo em causa o que tínhamos como adquirido acerca de nós próprios e, por essa vida, suscitando dúvidas sobre o modo como os outros nos vêem.

2. 'Ser e saber'

Como salienta Foucault (1994), passámos a acreditar que a sexualidade possui uma forte capacidade de desvendamento daquilo que somos. A história de sexualidade abre caminho para o conhecimento das razões porque somos o que somos, dos fenómenos e relações de poder que se constituem nas sociedades, dos seus limites, das suas formas de intervenção, do modo como os sentimos (ou não sentimos). A sexualidade constituiu-se como domínio central da nossa existência. Por isso, parece lícito pensar que a nossa definição identitária não pode deixar de ser afectada pelos modos como a vivemos. Isto é particularmente verdadeiro quando lidamos com indivíduos cujas práticas sexuais se situam à margem do que se convencionou ser a "normalidade". As práticas sexuais não convencionais, não aceites, reprimidas e/ ou marginalizadas podem produzir conflitos ao nível da definição identitária³. Elas situam-se simbolicamente, como sublinha Douglas, na fronteira entre sujidade e pureza, entre segurança e perigo, sendo que "o sujo é, essencialmente, desordem" (1994: 2). Ele refere-se não à entidade, ao ser, à coisa em si, mas ao que ela representa do ponto de vista social: a confusão de fronteiras, o questionamento da ordem estabelecida. Quando a heterossexualidade é o padrão dominante e considerado exclusivo, quando outros modelos estão praticamente ausentes ou o que se mostra deles é estigmatizante⁴, a ocorrência de um evento que a possa pôr, de algum modo, em causa, pode gerar um

falar de poder... um poder que circunscreve um certo território, um poder que ultrapassa fronteiras. Poder perdedor e poder ganhador" 1988: 26).

³ Convém, a este propósito, salientar que nem todas as mulheres que entrevistámos apresentam das suas experiências uma visão de "ruptura", "crise" ou questionamento do sentido de identidade. Retivemos aqui apenas alguns exemplos de situações em que isso aconteceu, na própria óptica das entrevistadas.

sentimento de isolamento, mesmo de "anormalidade", com o qual é preciso aprender a lidar. Trata-se, portanto, de voltar a organizar o mundo, de (re)descobrir qual é o nosso lugar aí. Eliminar o elemento "anómalo", ou, pelo menos, conseguir percebê-lo, encaixá-lo naquilo que éramos antes, integrá-lo na nossa relação com os outros, não representa, deste ponto de vista, "um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente" (íbidem).

O modelo historicamente construído e afirmado da "(hetero)sexualidade normal" desencadeia uma série de pressupostos acerca de quem somos, de entre os quais a atracção (sexual, romântica) pelo sexo oposto ocupa um lugar de destaque. Imaginemos que nos apaixonámos pela pessoa "errada", que é como quem diz por alguém do mesmo sexo... A primeira descrição que obtemos é, no caso de algumas narrativas, interposta pelas sensações físicas, a mediação do corpo surgindo em primeiro plano:

"Senti um grande desejo, senti um grande prazer, acho que foi muito bom!" (Rosário, 38 anos)

"Eu acho que foi tal e qual como quando me apaixonei por um homem. Exactamente a mesma coisa! Aquela sensação de o coração estar perto da boca, de nos sair... Aquela sensação do corpo ficar quente... // E, na altura, nem sequer pensei como é que é, como é que não é..." (Catarina, 44 anos)

Noutros casos, a tónica é colocada sobretudo no plano mental, mas a intermediação da "experiência" (leia-se, da relação física, com carácter sexual/ genital ou não) está também presente. Aqui, a narrativa tende a concentrar-se na anterior ausência de interesse pelo sexo oposto, na "incapacidade" de sentir paixão, e, finalmente, no reconhecimento em si própria dessa capacidade:

"Eu acho que todos os pensamentos que tive foi, de certa maneira, uma resposta a todo um vazio que até então eu sentia: um vazio de respostas, um vazio de sentimento, um vazio de curiosidades...// Mas senti-me logo muito confortável [ri-se] e muito feliz! Sentia-me feliz por gostar de alguém! Não era de uma mulher, era de ALGUÉM! Senti-me muito feliz por isso ser correspondido." (Clara, 34 anos)

Os sentimentos de ambivalência entre o prazer e a satisfação, por um lado, e o reconhecimento mais ou menos claro da violação das normas e expectativas sociais, por outro, acabam por estar presentes:

"Ela nessa noite queria que eu lhe desse um beijo – foi uma das coisas em que ela insistiu –, coisa que não conseguiu! Eu acho que senti mesmo alguma repulsa! Acho

⁴ Esquecendo que é o próprio padrão que produz o estigma...

que, de facto, aí foi mesmo uma coisa... um bocado visceral e acho que teve a ver com o facto de ela ser uma mulher!" (Rosário, 38 anos)

"tinha a sensação de quase ser única no mundo. Era uma coisa que me estava a acontecer a mim e que não acontecia a mais ninguém!// Acho que a única coisa que tinha era a sensação de que era uma coisa muito, muito rara. Que muito pouca gente, ou quase nenhuma, deveria ser homossexual! E tinha a sensação de... estar a entrar num campo obscuro, proibido mesmo." (Clara, 34 anos)

Nalguns casos, como no de Catarina, a religião, em particular, tem um peso muito claro:

"Para mim, na minha cabeça, foi uma confusão ENORME e houve uma luta dentro de mim entre o certo e o errado, entre o pecado!... Se eu estava a pecar, o meu medo era que eu estivesse a pecar..." (Catarina, 44 anos)

O questionamento da identidade sexual desencadeia um processo reflexivo que permite ver um pouco melhor o que acontece em situações de "crise identitária". Procura-se, então, perceber o que está a acontecer, qual o seu significado. Independentemente da "realidade" dos eventos tal como nos foram narrados, interessa-nos saber de que modo eles foram integrados no sentido de identidade de cada uma destas mulheres, pois as histórias que contamos de/ a nós próprios são as histórias em que queremos acreditar...

"embora no início, quando me aconteceu, acho que, como toda a gente, fiquei ali... Por um lado, tive a resposta a muitas questões. Por outro lado, interrogava-me se aquilo não seria uma fase." (Clara, 34 anos)

Para Clara e Rosário, a clarificação dos seus sentimentos e a tentativa de resolver a confusão criada ao nível identitário traduziram-se no que chamámos uma "revisitação do passado". As suas narrativas mostram como é possível permanecermos "iguais" não "excluindo a mudança, mas negociando, à custa de diversos procedimentos, a articulação do outro com o que a precedeu de tal modo que o novo seja percebido como tendo uma relação aceite com o que existia antes dele" (Camilleri, 1999: 85-86). Neste processo, eventos passados assumem *agora* um significado que não estava presente *então*. Alguns exemplos:

"Eu acho que desde que me lembro de ser gente, sem saber a razão, eu sempre criei alguns laços de amizade e havia sempre um laço, uma amiga ou outra que eram especiais para mim. Nunca me ocorrendo, sequer, o lado homossexual, ou a atracção física. Gostava muito! Tinha amigas que eram a minha alma gémea, eram umas amigas especiais. Normalmente, sempre uma de cada vez..." (Clara, 34 anos)

"eram coisas assim muito platônicas, até um bocado infantis, pronto! Acho que eram até desfasadas já para a idade, coisas do género, por exemplo, eu tinha uma certa proximidade com ela e lembro-me de uma altura em que ela se esqueceu de uma camisola em minha casa e, depois, eu fui de férias e levei a camisola porque tinha o cheiro dela! E acho que isto não se faz com uma amiga..." (Rosário, 38 anos)

É esta reinterpretação do passado que parece permitir enquadrar a nova experiência no próprio sentido de identidade, redefinindo-a sem que, todavia, a pessoa deixe de olhar para si própria como sendo "a mesma". Este processo de negociação implica a gestão dos novos elementos de um modo que permite "dar à alteração o sentido da continuidade" (Camilleri, 1999: 86), o que pode ser conseguido de diferentes maneiras:

"eu já o era! Porque todos esses comportamentos se vieram a repetir depois da minha relação, então homossexual. Realmente, o que é que faltava? Faltava só o contacto físico – o contacto sexual, físico até havia!" (Clara, 34 anos)

Saliente-se, a propósito, que as origens e percursos sociais diversos destas duas mulheres contribuem grandemente para a forma como este "novo" elemento foi sendo progressivamente integrado na sua definição identitária. No caso de Clara, a nova definição identitária – assume ser, sem hesitações, "*Homossexual*", – foi sendo coadjuvada pelo estabelecimento de relações de conhecimento e amizade com o mundo homossexual:

"a minha primeira namorada conhecia um leque grande de pessoas aqui [...]. // Acho que havia, de certa maneira, uma busca disso que era, para além das histórias dos livros e dos filmes, essa vivência pessoal dos meios, dos ambientes, de outras pessoas, de outras experiências. Acho que, na altura, era muito comum nas minhas conversas o «Como é que começaste? Por que é que começaste?» E foi essa a informação que eu fui buscando, foi no dia-a-dia." (Clara, 34 anos)

Se atentarmos no caso de Rosário, o seu processo de (re)definição identitária opera por outras vias, o que pode explicar também a definição que faz de si própria como "*lésbica*". A sua primeira experiência ocorre já na idade adulta, passou por um processo de terapia, é licenciada em Ciências Sociais, o que lhe facultou o acesso a recursos diversos:

"à medida que ia indo às consultas, também ia começando a procurar coisas.// Em Portugal não havia muita coisa – ainda não há – e não me passava pela cabeça perguntar nas livrarias se havia algum livro sobre o tema! Portanto, era se encontrava

por acaso.// Pronto, e comecei a ter muita coisa e a gostar muito de ler livros e coisas mais teóricas. Às vezes, leio estudos sobre estas questões." (Rosário, 38 anos)

Todavia, e apesar da reflexão sobre o seu percurso identitário ser mais relativista, reflectindo indubitavelmente tanto o tipo de informação a que acedeu, como o trabalho de conhecimento pessoal a que a terapia a obrigou, considera também existir alguma continuidade entre passado e presente, tendo como explicação já não uma espécie de inclinação escondida que subitamente se revela, mas a ideia de um trajecto que se vai construindo:

"é como se isto fosse um percurso. Eu, ainda hoje, não penso que só poderia ter sido lésbica. Não acho. Acho que houve ali momentos da minha vida em que aquelas atracções que eu senti já em fases posteriores, mais velhita, dezasseis, dezassete, dezoito, dezanove, vinte, nessas idades, se algum daqueles homens a quem eu achei piada me tivesse achado piada, eu acho que, se calhar, hoje poderia estar casada e com filhos! Poderia ter acontecido! Não sei! Ou até poderia ter tido uma relação com eles e, entretanto, ter vindo a gostar na mesma de mulheres...// Que é verdade que o meu percurso faz muito sentido nesta identidade, faz! Que é verdade que, realmente, com os homens as coisas não rolavam com facilidade e com as mulheres rolam com muita facilidade, que o tipo de relação que eu tinha com as mulheres como amigas tem uma continuidade muito grande com uma namorada...// O percurso vinha um bocadinho neste sentido, acho que é uma coisa gradual." (Rosário, 38 anos)

Se nos voltarmos para o caso de Catarina, ainda, não conseguimos obter dela qualquer auto-definição. Na verdade, declara que:

"a única coisa que me poderá interessar será determinada mulher. Não é a mulher, em si. Eu vejo que há mulheres que definem que só gostam de mulheres. Como os homens. Gostam de mulheres, querem uma mulher. Eu não. Há mulheres que eu olhava e não... eu acho que tenho tendência para gostar de mulheres que já sejam [homossexuais]... Não de mulheres que não tenham nada a ver com a homossexualidade..." (Catarina, 44 anos)

A explicação que encontra para o facto de se sentir atraída por outras mulheres é, além disso, meramente circunstancial:

"Eu acho que o facto de me tornar disponível, livre para uma nova aventura [...]// Foi ela que me deu a volta! Foi! É verdade! Ela era sabidola. Andava sempre lá. Hoje vem assim, hoje vem assado, vinha hoje, amanhã e depois e depois... E eu disse. «Alto! Calma aí! Há qualquer coisa que não está a bater certo!» A mulher comia-me com os olhos! E isso, aos poucos e poucos, vai-nos tornando disponíveis." (Catarina, 44 anos)

Nos seus quadros mentais está presente, de forma clara, a imagem tradicional da mulher e, ao longo da entrevista, é frequentemente assaltada por dúvidas que pretende

ver esclarecidas pela entrevistadora (quais são as "causas"? Por que é que há mulheres que "*parecem homens*", que "*não se arranjam*"?). Ao passo que as outras duas entrevistadas parecem ter aprendido a conviver com algum à-vontade com os seus afectos (nas suas palavras, não os escondem, mas também não os revelam abertamente a toda a gente), Catarina esforça-se por mostrar uma "fachada" (Goffman, 1989) claramente heterossexual, evitando frequentar espaços claramente conotados com o mundo lésbico/ gay porque tem "*receio de ser vista, claro. De ser reconhecida...*" A dificuldade em aceitar essa vertente da sua identidade surge claramente quando é confrontada (ou pensa sê-lo) com expressões homoeróticas públicas:

"Hoje entrei no autocarro e fiquei assim a olhar para duas: «Isto são duas! Aos beijos!» E eu, aí, senti-me incomodada. Eu senti-me incomodada! Cá em Portugal não estamos habituadas a isto!// Depois começo a ver [...]. Aquilo é um rapaz e uma rapariga! O.k.! Eu estava a ver..." (Catarina, 44 anos)

Mesmo em espaços claramente gay/ lésbicos, este "incómodo" está presente. Recordando uma ida a um desses espaços, afirma que

"Não queria muito ir porque... não sei, achei que... eram gays demais [...]. Estava ali e não fui capaz de dançar, como foram algumas! Não fui capaz de fazer uma carícia, não fui capaz! Estava inibida! E as outras a fazerem carícias e eu sentia-me ali inibida, não sei porquê! Não me sentia muito bem..." (Catarina, 44 anos)

A explicação que Catarina apresenta para estas dificuldades parece apontar no sentido da não resolução de um sentimento de confusão identitária: *Se calhar, ainda não está bem definido aquilo que eu quero*".

Algumas notas conclusivas

Estes três casos permitem-nos explorar alguns aspectos do processo de (re)definição identitária, mostrando como procuramos encontrar no nosso passado, ou em circunstâncias particulares da nossa vida, explicações que nos permitem integrar os novos acontecimentos. Também por se tratar de formas de afectividade e sexualidade socialmente estigmatizadas, a sua ocorrência e reconhecimento desencadeiam um processo de reflexão que leva à procura do elemento que permita explicar o que aconteceu e como lidar com ele. A resolução do conflito interior assim gerado assume sempre a forma de uma deslocação de fronteiras, de um reequacionamento daquilo que

se é ou não se é. A manutenção do sentido de unidade e de continuidade pode assentar em diferentes "explicações": porque se "descobre" que já se era "assim", embora não se tivesse consciência disso, ou porque se acredita ter construído progressivamente um caminho que é compatível com o que está para trás. Tanto no caso de Clara, como no de Rosário, ocorre uma integração do novo elemento que permite estabilizar o sentido de si e gerir a vida quotidiana sem grandes sobressaltos – até porque se aprendeu a lidar com "a situação", a gerir os indícios (Goffman, 1989). Mas, no caso de Catarina, encontramos uma situação de indefinição que ilustra a dificuldade de viver entre dois mundos, a meio caminho de alguma coisa que não se sabe bem o que é...

Esta breve exploração dos dados parece, pois, apontar no sentido da existência de mecanismos (psicológicos, mas também sociais) que operam no sentido de uma delimitação clara das definições que damos de nós próprios, traçando limites entre o que somos e o que não somos, encerrando "aqueles que distinguem em limites que lhes são atribuídos e que os fazem reconhecer" (Bourdieu, 1998: 115). Mas eles parecem funcionar como elemento de estabilidade emocional precisamente porque, (de)limitando, definem também o campo de actuação possível. O caso de Catarina parece também apontar neste sentido, embora de forma inversa: a dificuldade de produzir e/ ou aceitar uma auto-definição (qualquer que ela seja) gera o desconforto na gestão da vida quotidiana e das próprias relações sociais e afectivas.

Bibliografia citada:

CAMILLERI, Carmel (1999) – Identité et gestion de la disparité culturelle: essai d'une typologie. In CAMILLERI, Carmel; KASTERSZTEIN, Joseph; LIPIANSKY, Edmond Marc; MALEWSKA-PEYRE, Hanna; TABOADA-LEONETTI, Isabelle; VASQUEZ, Ana (org.) – *Stratégies identitaires*. Paris: PUF. pp. 85-110

DOUGLAS, Mary (1994) – *Purity and Danger: An analysis of the concepts of pollution and taboo*. London: Routledge

ERIKSON, Erik H. (1980) – *Identity and the Life Cycle*. N. Y.: W. W. Norton & Company

FOUCAULT, Michel (1994a) – *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Lisboa: Relógio d'Água

FOUCAULT, Michel (1994b) – *História da Sexualidade: O uso dos prazeres*.
Lisboa: Relógio d'Água

FOUCAULT, Michel (1994c) – *História da Sexualidade: O cuidado de si*.
Lisboa: Relógio d'Água

GOFFMAN, Erving (1989) – *A Representação do Eu na Vida Quotidiana*.
Petrópolis: Vozes

JENKINS, Richard (1996) – *Social Identity*. London: Routledge

MEAD, George Herbert (1962) – *Mind, Self and Society*. Chicago: The
University of Chicago Press

MEIJER, I.; DUYVENDAK, J.-W. (1988) – A la frontière: Le lesbien et
l'homosexuel considérés en tant que conflits frontaliers autour du sexe et de la sexualité,
du politique et du personnel. *Sociétés*. n.º 17, pp. 26–30